



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17238 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

“OU É TODO MUNDO OU NÃO É NINGUÉM”: O LUGAR DA ALTERIDADE NAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORAS E BEBÊS
 Lídia Mara de Souza - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
 Núbia Aparecida Schaper Santos - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

“OU É TODO MUNDO OU NÃO É NINGUÉM”: O LUGAR DA ALTERIDADE NAS
RELAÇÕES ENTRE PROFESSORAS E BEBÊS

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento intitulada “A relação de alteridade entre professoras e bebês: um estudo de inspiração etnográfica em uma creche conveniada do município de Juiz de Fora” e tem por objetivo refletir acerca de um dos momentos da rotina institucional em uma creche do município de Juiz de Fora/MG. A pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: como se constitui a relação de alteridade entre professoras e bebês em um berçário de uma creche conveniada do referido município. Buscamos articulação com a perspectiva bakhtiniana para compreender as relações estabelecidas no contexto pesquisado e, vigotskiana para compreender como o meio possibilita o desenvolvimento dos bebês que fazem parte dele.

Uma rotina rígida, muitas vezes, não permite às professoras considerarem as particularidades dos bebês. A necessidade de atender aquilo que está proposto no quadro de rotinas, engessa as relações estabelecidas com os bebês. Assim como os adultos, os bebês possuem particularidades que os tornam únicos e singulares e, em um espaço coletivo de cuidado e educação, é importante se atentar a isso. Leiamos:

Sempre observo um bebê se alimentando e tomando água. [...] No entanto, hoje ele estava sem o copo com água e notei que ele comeu menos. A professora então me perguntou “você

acha que ele comeu bem? Comeu, né?” Eu disse que achava que o bebê ainda queria continuar se alimentando (a professora queria retirar o prato de comida do bebê após os demais bebês terminarem de comer). Ela disse que não deu o copo com água pra ele pois está tirando essas “manias” que ele tem: “Porque não pode, só ele ter o copo com água! Ou é todo mundo, ou não é ninguém! Não é só ele que pode não, ué! Eu fico morrendo de dó porque deve mesmo estar sendo mais difícil de engolir, mas não posso permitir que ele seja tratado melhor que os outros” (Nota de campo - 04/12/2023).

Ao mesmo tempo em que a professora se preocupa com o modo como o bebê se alimenta, acredita que ele não pode ser tratado de maneira diferente dos outros bebês, uma vez que, faz parte da rotina, tomar a água após o almoço, já na sala de referência. Há uma rotina pré-estabelecida que leva as professoras ao entendimento de que não há espaço para as singularidades no cotidiano.

Observamos que a professora se preocupou com o bebê naquele momento e, ao mesmo tempo, com as exigências de uma rotina e, de certa forma, reflete brevemente sobre isso. Daniela Guimarães nos orienta acerca desse processo de reflexão sobre a própria prática, em que esta, precisa estar em consonância com a ética do cuidado.

considerar a qualidade ética do cuidado implica, para além do entendimento às necessidades básicas das crianças [...], que as recreadoras possam se envolver em um trabalho sobre si mesmas, que coloque em questionamento seus modos de fazer, sentir, olhar e agir com as crianças. (Guimarães (2009, p. 107).

Precisamos avançar na reflexão acerca de um cuidado ético que reflita sobre os modos como esses cuidados acontecem, problematizar uma rotina em que o tempo é considerado cronologicamente, o que não compreende ao tempo dos bebês e suas necessidades. Ainda precisamos refletir sobre o estabelecimento de uma rotina que não abre espaço para as especificidades dos bebês e das crianças que habitam os espaços coletivos de cuidado e educação.

Castro (2016, p. 178) elenca que “se torna necessário abranger, na concepção de cuidado, as necessidades fisiológicas das crianças, suas necessidades emocionais, o compartilhamento das experiências, a relação temporal e a compreensão de que a atenção a estes aspectos é o que viabiliza a educação das crianças”. Então, mais que perceber essas necessidades, é necessário acolhê-las. A complexidade desse movimento de ouvir os bebês e vê-los como sujeitos, traz a difícil tarefa de cuidar e educar os bebês de forma indissociável.

É a partir desse movimento de acolher o sujeito que a alteridade se instaura na relação entre o eu e o outro trazendo a impossibilidade da neutralidade e sim a posição valorativa que emana de um sujeito que é único. Para Bakhtin, “se, com minha atividade, crio o corpo exterior do outro em termos de valores, é graças a essa ótica determinada precisamente pela alteridade do outro, uma ótica que é orientada para a frente de mim mesmo e não é invertível para a minha direção” (BAKHTIN, 2006, p. 78).

A partir disso, compreendemos que, para ser professora de bebês, é necessário assumir a responsabilidade que essa tarefa exige: ter um olhar que vai além do dizível, sensibilidade para compreender o que está para além das palavras, observar, interpretar e ler nas entrelinhas. Pensar nesse cuidado físico, é estabelecer momentos de relação com os bebês, é enxergá-los enquanto sujeitos e permitir que os bebês se assumam enquanto sujeitos.

Palavras-chave: bebês; creche; prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1929). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CASTRO, J. S. *A docência na educação infantil como ato pedagógico*. 2016. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2016.

GUIMARÃES, D. O. Na creche, o cuidado como ética: caminhos para o diálogo com bebês. *In: KRAMER, S. (org.). Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009. p. 95 - 108.